

Especial

Conheça a história de pessoas que tornam-se responsáveis pelos irmãos com necessidades especiais

Parceria de CUIDADOS

Freepik

POR AILIM CABRAL

No Natal, assim como em aniversários e outras datas comemorativas em que crianças costumam receber presentes, muitos dos filhos únicos surpreendem os pais pedindo por uma irmãzinha ou irmãozinho. E muitos deles, quando um novo bebê faz parte do planejamento familiar, de fato, recebem o “presente” do papai e da mamãe. Ter alguém com quem crescer pode ser uma dádiva. É um amigo, companheiro, uma outra criança para dividir segredos, travessuras e brincadeiras.

Mas algumas vezes, as circunstâncias da vida transformam essa relação fraternal em algo mais parental, trazendo novos contornos para o dia a dia dos irmãos. Antigamente, pessoas com necessidades especiais tinham uma expectativa de vida menor, devido às diversas particularidades de saúde que podem surgir, e acabavam partindo antes mesmo dos pais.

Mas, atualmente, com o avanço da ciência, muitos chegam à terceira idade saudáveis e cheios de vida. E, seguindo o curso natural, os pais acabam morrendo antes, deixando, grande parte das vezes, a responsabilidade legal dos filhos com necessidades especiais para os outros filhos, sejam eles mais novos, sejam mais velhos.

Mônica Cuskelly, pesquisadora australiana que estuda a dinâmica familiar de pessoas com deficiências intelectuais há alguns anos, comentou em um estudo, publicado em 2000, que “irmãos dos adultos com deficiência intelectual, geralmente, esperam tomar para si pelo menos algumas responsabilidades atendidas pelos pais quando eles já não sejam capazes de executá-las”.

Ela comenta ainda, mais especificamente em seus estudos sobre pessoas com síndrome de Down, que a decisão de assumir ou não os cuidados e os serviços relacionados aos irmãos é influenciada por uma série de fatores, entre eles a qualidade da interação desses irmãos

durante a infância, criando ou não uma relação de parceria e amizade. Quanto melhor o relacionamento na fase de crescimento, maior a possibilidade de que o irmão assuma de bom grado a responsabilidade pelo outro.

O estudo de Mônica também reforça um fato muito debatido: as mulheres são a grande maioria no papel de cuidadoras, seja dos filhos, irmãos, companheiros e pais. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, apontam que 85% do trabalho de cuidado é exercido por mulheres. Na pesquisa, é ressaltado que, no Brasil, as mulheres gastam 21 horas semanais na função de cuidadoras, contra 11 horas gastas homens na mesma atividade.

E embora tragam, em muitos momentos, responsabilidades pelas quais não esperavam ou não se sentiam totalmente preparados, quando assumem os cuidados pelos irmãos, muitos experimentam um amor ainda mais forte por aquela pessoa que precisa deles. A admiração pelo trabalho antes exercido pelos pais também tende a aumentar.